

Teologia ou estereótipo: O que define o fundamentalismo cristão?

Theology or stereotype: What defines Christian fundamentalism?

*Isaac Malheiros**

Resumo

O termo “fundamentalismo” possui hoje sentidos diversos. Pode indicar desde um grupo de religiosos piedosos e pacíficos até um grupo de fanáticos intolerantes e violentos. Através de revisão bibliográfica, este artigo fará uma avaliação do atual uso do termo fundamentalismo à luz do fundamentalismo original. Ao analisar-se o conteúdo teológico do movimento fundamentalista histórico em comparação ao que se chama hoje de fundamentalismo, enormes diferenças vêm à tona, e fica evidente a carência de definições mais precisas de termos e conceituações mais objetivas, que vão além dos estereótipos.

Palavras-chave: Fundamentalismo cristão. Inspiração verbal. Inerrância bíblica.

Abstract

The term "fundamentalism" has different meanings nowadays. It may indicate, at the same time, a peaceful and pious religious group or a group of intolerant, fanatical and violent people. Through literature review, this article evaluates the current use of the term fundamentalism in the light of the original fundamentalism. When analyzing the theological content of the historical fundamentalist movement compared to what is called fundamentalism nowadays, huge differences come to light. It is also evident the lack of more precise definitions of terms and more objective conceptualizations, which go beyond the stereotypes.

Keywords: Christian fundamentalism. Verbal inspiration. Biblical inerrancy.

Introdução

A necessidade de esclarecer o conceito de fundamentalismo é urgente e já foi constatada por diversos autores¹. Atualmente, o termo fundamentalismo é usado em situações tão variadas, e em tantas áreas do campo religioso e político, que perdeu o seu sentido histórico objetivo (hoje, fala-se em *fundamentalismos*, no plural).

Em geral, o termo fundamentalismo leva “uma carga negativa e uma conotação pejorativa. Fundamentalista seria o fanático, o sectário, o intolerante,

* Mestre em Teologia (Escola Superior de Teologia, São Leopoldo-RS), doutorando em Teologia (Escola Superior de Teologia, São Leopoldo-RS), bolsista da CAPES. E-mail: pr_isaac@yahoo.com

o conservador, o autoritário, o totalitário [...] e sempre são os ‘outros’” (Oro, 1996, p. 23). Mesmo no âmbito acadêmico, o rótulo *fundamentalista* é mal compreendido e mal empregado. Como afirma Lima (2011, p. 91), “a associação que se faz ao termo tem sido reincidentemente deturpada tanto do seu sentido histórico original e circunstancial quanto das conotações positivas que a ele podem ser legitimamente atribuídas”.

Existem vários sentidos em que o termo *fundamentalista* é empregado, e isso pode causar confusões. Aplicações metafóricas do termo em sentidos sociológicos e teológicos, como antônimo de tolerância ou sinônimo de rigorosidade/literalidade na leitura da Bíblia, alienam o termo “de seu sentido significativo originalmente atribuído e contribui para a confusão não somente terminológica, mas também fenomenológica” (Lima, 2011, p. 92).

A expansão do conceito levou a palavra *fundamentalista* a ser vinculada quase automaticamente à “forma radical e violenta de comportamento religioso” (Zabatiero, 2008, p. 15). A princípio, o termo fundamentalismo era aplicado apenas a um setor específico do protestantismo norte-americano do início do século XX. Posteriormente, foi aplicado às religiões em geral, mas logo percebeu-se o caráter fundamentalista presente em outras áreas. O fundamentalismo então deixou de ser um tema mais restrito da teologia e passou a ser um tema das ciências sociais. Por isso, é fácil encontrar o uso expandido do termo em expressões como *fundamentalismo do mercado*, *fundamentalismo darwinista*, *fundamentalismo ateuista*, dentre outros.

Por isso, ocorre hoje com o conceito de fundamentalismo o que Julien Freund descreveu: “Quando tudo é tudo, nada mais é definível, nada mais é específico, em suma, o conceito se torna inútil, já que falando de uma coisa, se fala de tudo” (Freund, 1987, p. 12).

James Packer reclama que o quadro pintado pelos críticos não passa de uma caricatura do verdadeiro fundamentalismo evangélico. Para ele, o termo *fundamentalismo* tornou-se vago, ambíguo, subjetivo, confuso, explosivo, inútil para a análise e discussão objetiva, e útil apenas para a crítica estereotipada (Packer, 1977, p. 9-23, 40).

Packer ainda chama a atenção para o fato de que, historicamente, grupos cristãos sempre foram rotulados e insultados com títulos variados: foi assim com os termos *puritano* e *metodista*, usados de forma pejorativa às vezes (Packer,

1977, p. 30-31). Para Packer (1977, p. 19, 24), o fundamentalismo nada mais é que um novo nome para o evangelicalismo histórico².

Pierucci (2006, p. 1) reconhece que não se deve “tomar toda convicção pessoal ou tomada de posição inegociável como fundamentalista”. No entanto, é exatamente isso que está ocorrendo nos usos generalizados do termo, e sua atual definição não é tarefa fácil.

Na visão fundamentalista original, o neoevangelicalismo se tornou *mundano*, perdido (Schaeffer, 1984, p. 142). Então, como classificar os evangélicos conservadores que crêem na inspiração verbal, na inerrância bíblica, seguem o princípio *sola Scriptura*, mas não se classificam como fundamentalistas e nem são considerados assim pelos próprios fundamentalistas (Ashbrook, 1992, p. 4)³? E como classificar os cristãos que são ortodoxos em questões morais, que são criacionistas, mas não crêem na inspiração verbal e na inerrância bíblica? É preciso buscar critérios objetivos, e a história do fundamentalismo pode ajudar nessa tarefa.

Este artigo avaliará, através de análise bibliográfica, as características do fundamentalismo original. Também avaliará as características comumente atribuídas ao fundamentalismo por analistas externos ao movimento. Finalmente, sugerirá quais são as características essenciais que poderiam servir de parâmetros objetivos para identificar o fundamentalismo cristão.

1. O fundamentalismo original

Aparentemente, há um erro que vem sendo perpetuado em algumas publicações a respeito da origem do fundamentalismo protestante. Stewart Cole, o primeiro historiador do fundamentalismo, erroneamente afirmou que os *cinco pontos fundamentais* foram publicados pela primeira vez na Conferência Bíblica de Niágara em 1895 (Unger, 1981, p. 27), e tal informação vem sendo replicada em estudos posteriores até hoje⁴. No entanto, de acordo com a evidência disponível, foi na Conferência Bíblica realizada em 1878, em Clifton Springs⁵, que uma declaração com quatorze pontos essenciais do cristianismo foi adotada (informalmente, a princípio, e oficialmente ratificada em 1890) (Melton; Baumann, 2010, p. 1161)⁶.

Além disso, o documento de cinco pontos essenciais foi redigido na

Assembleia Geral Presbiteriana, em 1910, que assinalou o nascimento formal do fundamentalismo protestante norte-americano (Sandeen, 1978, p. XVIII; Harris, 1998, p. 25-26). Esse documento reafirmava o que se supunha serem os pontos fundamentais da fé diante da ameaça liberal⁷: 1) a inerrância do texto bíblico; 2) o fato de Jesus ter nascido de uma virgem; 3) a morte de Jesus, que garantiu a redenção humana; 4) a ressurreição de Jesus; 5) a crença nos milagres poderosos de Jesus.

Outras declarações de crenças fundamentalistas foram publicadas, com conteúdo semelhante, mas com diferentes números de pontos fundamentais⁸. A publicidade do movimento ocorreu com a publicação e distribuição da coleção de volumes do *The Fundamentals*, entre 1909 e 1915. O conteúdo dessa coleção reflete os pontos fundamentais listados nas declarações de crenças, e o termo *fundamentalista* refere-se ao título da obra.

Não há unanimidade entre os pesquisadores acerca de qual seria a doutrina distintiva do fundamentalismo ou a característica mais peculiar⁹. Atualmente, vários conceitos são geralmente relacionados ao fundamentalismo, além dos cinco pontos originais: o criacionismo bíblico, o uso do método histórico-gramatical de interpretação bíblica, uma posição conservadora em assuntos como aborto e pena de morte, e uma visão política antiesquerdista em geral.

O fundamentalismo é fruto de um contexto histórico, e deve ser tomado como um processo, com vários personagens, fases e lugares. Nem mesmo a publicação de *The Fundamentals* poderia simplesmente ser tomada como a manifestação completa do fenômeno (Livingstone, 1986, p. 148), pois “a complexidade do caso não permite que o todo seja reduzido a somente uma de suas partes” (Campos, 2014, p. 49-50). O movimento é complexo, está em processo, é dinâmico, mas mantém alguma relação com suas origens.

Como o fundamentalismo deixou de ser apenas uma defesa conservadora da Bíblia se transformou em ativismo político, e até mesmo sinônimo de intolerância e violência?

2. O neofundamentalismo

Há autores, como Roger Olson (2001, p. 576-584), que dividem o

fundamentalismo em duas fases: uma primeira fase, mais moderada (e que incluiu *The Fundamentals*), e a segunda fase, de caráter extremista e politicamente articulada. Na segunda fase, a utilização abundante dos meios modernos de mobilização e de agregação de consenso superou a separação entre religião e política que havia no fundamentalismo original (Pace; Stefani, 2002, p. 35). Assim surgiu o que se chama de neofundamentalismo, que não é mais um movimento religioso de caráter estritamente teológico, mas um movimento politicamente articulado e engajado, algo que os primeiros fundamentalistas não imaginaram (Pace; Stefani, 2002, p. 35).

O neofundamentalismo é a reação politicamente articulada e engajada contra a suposta “perda de valores da sociedade americana e contra a degeneração da democracia, inquinada pela tolerância laxista da imoralidade, pela fragilização do papel tradicional da família e por tantas ‘heresias civis’ que se foram difundindo (os direitos dos gays, os casais homossexuais e, sobretudo, a legislação do aborto)” (Pace; Stefani, 2002, p. 36).

De acordo com Pace e Stefani (2002, p. 27), se o conflito dos fundamentalistas com os liberais permanecesse no âmbito restrito da teologia, nunca teriam surgido movimentos sociais de base religiosa. Mas o debate ultrapassou as fronteiras teológicas e surtiu efeitos sociais.

O movimento alcançou grandes dimensões sociais e políticas em 1925, por causa do processo judicial conhecido como *Scopes Trial*. Um professor de biologia foi processado por um pastor fundamentalista por ensinar as teorias evolucionistas de Darwin a respeito da origem da espécie humana. A partir desse episódio, o fundamentalismo foi se tornando um movimento mais conhecido nacionalmente, e bem mais articulado politicamente (Pace; Stefani, 2002, p. 30-31).

Esse episódio se torna mais curioso quando se constata que, apesar de criticar o darwinismo, o fundamentalismo original não incluía explicitamente o criacionismo (ou o fixismo) como um dos *fundamentos*. Foi apenas após o *Scopes Trial* que o criacionismo bíblico foi se cristalizando como uma das bandeiras do fundamentalismo.

3. Avaliação de alguns critérios identificadores

Então, quais seriam as características distintivas do fundamentalismo? Algo que possibilitasse uma avaliação objetiva e não estereotipada? Este artigo fará uma avaliação de algumas características geralmente usadas como critério para identificar o fundamentalismo.

3.1. Fundamentalismo é apenas uma atitude?

Um critério frequentemente usado para descrever pessoas e grupos de *fundamentalistas* é o comportamento intolerante. No entanto, esse é um critério insuficiente, por ser muito amplo e subjetivo¹⁰. Se, como afirma Boff (2002, p. 25), por exemplo, o fundamentalismo é “a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista”, então há fundamentalistas por toda a parte, independentemente de ter ou não relação com temas religiosos.

Nesse sentido amplo, até mesmo a exigência acadêmica e o rigor científico podem assumir um ar de intolerância, de fundamentalismo. O fundamentalismo se manifesta sempre que a discussão argumentativa é impedida mediante apelos à autoridade, sempre que as distintas formas de interpretação bíblica são demonizadas dogmaticamente, classificadas como inferiores e incapazes (Zabatiero, 2008, p. 21).

Assim, o próprio antifundamentalismo da academia crítica pode incorrer no mesmo erro que pretende combater. Seria uma espécie de *antifundamentalismo fundamentalista*, ou *anti-intolerância intolerante* (Lima, 2011, p. 94).

Assim, ao dizer que o fundamentalismo “não é uma doutrina, mas uma forma de interpretar e viver a doutrina” (Boff, 2002, p. 25), o pesquisador está expandindo o termo, desvinculando-o de sua história e esvaziando-o de seu conteúdo objetivo. Em suma, está supervalorizando a embalagem, o estereótipo.

Apesar de atualmente caracterizar-se por uma postura separatista, curiosamente, o fundamentalismo original foi uma espécie de movimento ecumênico. John Gresham Machen, considerado o principal teólogo do movimento (Olson, 2001, p. 557), não gostava do rótulo *fundamentalista*, mas como tinham o liberalismo como um inimigo em comum, uniu-se ao movimento: “Na presença de um grande inimigo comum, eu tenho pouco tempo para atacar

meus irmãos [fundamentalistas] que permanecem comigo na defesa da Palavra de Deus” (Stonehouse, 1954, p. 337-338). Assim, a luta contra o liberalismo tornou o fundamentalismo original ecumênico e, até certo ponto, tolerante com as diferenças internas.

3.2. Fundamentalismo é conservadorismo?

Fundamentalismo não é sinônimo de conservadorismo. Apesar de compartilharem muitas crenças com outros cristãos conservadores, o fundamentalismo tem um conteúdo doutrinário específico que o distingue dos demais grupos conservadores (Ammerman, 1991, p. 2).

Nem todos os protestantes conservadores são fundamentalistas, nem mesmo os que creem na inerrância bíblica. São teologicamente conservadores, mas não comungam com os fundamentalistas as mesmas crenças sobre diversos temas (Lima, 2011, p. 99).

Dentre as pessoas que se identificam com os pontos do conservadorismo, existe uma grande parte que não se identifica com os pontos e nem com a postura do fundamentalismo. Grande parte das igrejas confessionais é conservadora, mas geralmente essas igrejas não podem ser consideradas fundamentalistas (Ammerman, 1991, p. 2).

A generalização do termo tem levado fundamentalistas a afastarem-se de tal nomenclatura. Muitos dos “clássicos representantes desse movimento no protestantismo de hoje preferem o título de evangélico-conservador ao de fundamentalista” (Oro, 1996, p. 23)¹¹.

3.3. Fundamentalismo é a utilização do método histórico-gramatical?

Alguns autores definem o fundamentalismo como um tipo de leitura e de interpretação da Bíblia (Pace; Stefani, 2002, p. 163). É fácil encontrar o termo *leitura fundamentalista*, em contraposição às leituras derivadas da exegese histórico-crítica. Por vezes, o método histórico-gramatical é chamado de *leitura fundamentalista*. No entanto, essa é uma representação equivocada, pois é possível usar qualquer método para confirmar determinada interpretação como a única autêntica, numa *atitude* fundamentalista.

Mesmo leituras bíblicas que aparentemente usam a ciência (como a leitura feminista e a sociológica) podem ser fundamentalistas: “[...] em lugar de se dar liberdade ao texto bíblico, para que diga o que quer (e o que pode), realiza-se uma trapaça metodológica, pois usa-se como pressuposto a interpretação que se quer provar. A mesma leitura é aplicada a todos os textos, mesmo quando eles não o permitem. Em geral são leituras contextuais [...]” (Silva, 2007, p. 41).

Assim, o fundamentalismo em sentido amplo também pode ser encontrado na exegese histórico-crítica e leituras derivadas dela (leituras contextuais). Como afirma Zabatiero (2008, p. 21): “Uma hermenêutica fundamentalista da Bíblia funciona enquanto uma estética do interpretar. E, como tal, ela não se identifica com nenhuma das teorias e metodologias hermenêuticas e exegéticas à nossa disposição, mas perpassa todas elas. Funciona, na medida em que atua nos interstícios da interpretação e, assim, é evocada sempre como acusação ao ‘outro’ método, à ‘outra’ teoria”.

Por isso, é preciso fazer distinção entre *leitura fundamentalista* e *método histórico-gramatical*, pois “o fato de que os inerrantistas fundamentalistas defendam a exegese histórico-gramatical não quer dizer, porém, que todas as pessoas que praticam a exegese histórico-gramatical sejam fundamentalistas” (Zabatiero, 2008, p. 23, nota 23).

3.4. Fundamentalismo é literalismo?

Outra característica largamente atribuída aos fundamentalistas é o *literalismo* na leitura da Bíblia¹². Mas Packer (1977, p. 78-79) rejeita esse rótulo afirmando que os fundamentalistas não negam elementos textuais simbólicos, poéticos, figuras de linguagem e outros recursos literários claramente presentes na Bíblia. O que ocorre é o reconhecimento da *realidade*, da factualidade de alguns relatos negados pelos liberais. Além disso, é bem possível registrar eventos reais com linguagem altamente simbólica.

Afirmar que o fundamentalismo “não dá nenhuma atenção às formas literárias e às maneiras humanas de pensar presentes nos textos bíblicos” (Pace; Stefani, 2002, p. 183) é claramente um exagero. A própria *Declaração de Chicago Sobre a Hermenêutica Bíblica* (1982) reafirma a importância de se levar em conta o contexto histórico-cultural, os gêneros e formas literárias bem como as figuras

de estilo¹³.

Gericke (2009, p. 27) afirma que, ao contrário do que sugere o senso comum, a essência do fundamentalismo não é o literalismo, mas a crença na inerrância bíblica. Segundo ele, “fundamentalistas não são consistentemente literais, mas alternarão para leituras não-literais quando uma leitura literal parecer problemática para seu próprio ponto de vista científico, histórico ou teológico” (Gericke, 2009, p. 27).

O próprio método histórico-gramatical, frequentemente chamado de “leitura fundamentalista da Bíblia” pelos críticos do fundamentalismo, tem como princípio a análise literária do texto bíblico, levando em conta o gênero e o estilo do texto, as expressões idiomáticas e figuras de linguagem. É fácil verificar isso nos manuais de exegese e hermenêutica histórico-gramatical mais populares, que insistem na questão do contexto literário e na avaliação dos gêneros bíblicos¹⁴.

Se os fundamentalistas fossem estritamente literalistas não interpretariam textos do AT sob a perspectiva tipológica, ou não considerariam a linguagem simbólica das profecias do Apocalipse, por exemplo. E, por esse critério, quase todos os cristãos poderiam ser acusados de *literalismo fundamentalista* diante de temas como o nascimento virginal, a ressurreição e a volta de Jesus. Packer (1977, p. 104) afirma que a acusação de literalismo é feita apenas porque os fundamentalistas se recusam a tratar como mitos ou parábolas alguns eventos importantes doutrinariamente, como a queda de Adão e Eva.

Assim, o que há entre os liberais e os fundamentalistas é uma diferença conceitual, e não de leitura literal ou simbólica, diante dos eventos registrados na Bíblia. O alegado *literalismo fundamentalista* seria apenas uma insistência na factualidade da Bíblia, consistente com a herança protestante, que rejeitou os métodos alegóricos medievais e abraçou a busca do *sentido literal*. O literalismo que ignora o gênero, o contexto literário e a linguagem poética é repudiado por teólogos fundamentalistas (Packer, 1977, p. 104) e pelos proponentes do método histórico-gramatical.

3.5. Fundamentalismo é uma postura anticientífica?

O fundamentalismo é retratado como sinônimo de atitude obscurantista

com relação à ciência, “caracterizado pela inimizade à ciência e à razão” (Dubiel, 1995, p. 15). Da mesma forma, Chauí (2006, p. 132) generaliza: “cada uma dessas religiões [judaísmo, cristianismo e islamismo] só pode ver a ciência e as outras religiões pelo prisma da rivalidade e da exclusão recíproca”.

No entanto, essa é uma má representação (ou pelo menos uma representação incompleta, parcial) da relação entre a ciência e a religião. Existem fundamentalistas cientistas e filósofos, bem como instituições de herança fundamentalista que apoiam a educação e a ciência¹⁵. Os cientistas religiosos, que crêem nos pontos fundamentalistas, publicam artigos acadêmicos e livros populares com argumentos científicos e filosóficos.

A percepção de que o fundamentalismo é anticientífico é justificada por causa de eventos como o *Scopes Trial* e outros confrontos com o pensamento científico e secular. Uma das bandeiras do neofundamentalismo é o *criacionismo* (também chamado de *criacionismo científico*)¹⁶. No entanto, como demonstrou Livingstone (1986, p. 69-83), estes casos ofuscam os fundamentos históricos do movimento original, que tinha uma atitude mais aberta à teoria da evolução do que seus atuais propagandistas.

George Frederick Wright, autor de vários artigos de *The Fundamentals* não era um criacionista estrito, mas adepto de um tipo de evolucionismo teísta. Sua posição de crítico do darwinismo não representa necessariamente uma defesa do criacionismo (Wright, 2005, p. 611-624).

Segundo Campos, Wright sempre procurou, ao longo da carreira, “estabelecer um diálogo crítico da teologia com a geologia, a arqueologia, o darwinismo, dentre outras áreas do saber científico”, e “não se enquadra dentre aqueles que podem ser considerados criacionistas, mas, sim, deve ser contado dentre os que advogam uma teoria do Design [...] a compatibilizar crença e ciência (ou novas descobertas científicas)” (Campos, 2014, p. 37-38)¹⁷.

O criacionismo sedimentou-se e cristalizou-se como um dos temas mais importantes do fundamentalismo somente após o caso *Scopes Trial* na década de 1920. Porém, mesmo sendo crítico do darwinismo desde o início, o fundamentalismo não é anticiência ou antitecnologia (Nielson; Dowd, 2006, p. 149-151; Mendelsohn, 1993, p. 23-24).

3.6. Outros critérios insuficientes

Sugere-se, de forma generalizada, que os fundamentalistas mantinham uma postura favorável ao racismo¹⁸, e eram contrários aos movimentos dos direitos civis dos negros (Pace; Stefani, 2002, p. 33, 184). Certamente, o racismo e a defesa da segregação encontrou muito espaço entre os fundamentalistas, especialmente no sul dos EUA. No entanto, nem todas as igrejas fundamentalistas se opuseram ao movimento dos direitos civis. Entre as décadas de 1940 e 1960, houve manifestações públicas a favor da igualdade racial, através de resoluções e declarações formais, feitas pela Igreja de Deus e pela Convenção Batista do Sul (Harrington, 2014, p. 4-6).

Muitas igrejas evangélicas negras norte-americanas, especialmente as batistas e as pentecostais, também professam crer nos pontos fundamentais, especialmente na inerrância e na segunda vinda de Cristo. Tomando-se os cinco pontos fundamentais como critério, é possível dizer que muitos fundamentalistas negros marcharam ao lado de Martin Luther King Jr. a favor dos direitos civis dos negros. A fim de resolver esse impasse, e manter o estereótipo, alguns autores excluem os protestantes e evangélicos negros do grupo de fundamentalistas, ignorando suas crenças teológicas e avaliando apenas questões culturais¹⁹.

O fundamentalismo cristão também é visto geralmente como um movimento *de direita*, alinhado às posições conservadoras e antiesquerdistas. De fato, na segunda metade do século XX, o fundamentalismo caracterizou-se por um engajamento político contra os considerados inimigos da fé e dos valores morais do cristianismo. Dentre esses inimigos, estavam o socialismo e o comunismo.

Esquecendo-se do princípio da separação Igreja e Estado, defendido historicamente por muitas das denominações que abraçaram o fundamentalismo, os fundamentalistas se envolveram em disputas políticas, defesa do capitalismo e do *sonho americano*, a intervenção militar em outros países visando à imposição da democracia. Essa fase é denominada de neofundamentalismo, um desvio da rota fundamentalista original.

No entanto, esse também é um critério insuficiente, dado o fato de que milhares de pessoas se identificam com posições políticas e econômicas liberais ou conservadoras (de direita) sem professarem sequer uma fé religiosa. E é

curioso perceber que, em um dos artigos de *The Fundamentals*, Charles Erdman mantém uma surpreendente postura aberta e equilibrada diante do socialismo. Segundo ele, é possível ser um socialista ardente e um cristão sincero, e as igrejas deveriam deixar os membros decidirem sozinhos rejeitar ou adotar o socialismo, conforme sua consciência (Ammerman, 1991, p. 22).

O ativismo contra o aborto também é visto como uma característica fundamentalista (Pace; Stefani, 2002, p. 36). No entanto, é preciso destacar que a luta contra o aborto não está vinculada exclusivamente aos setores fundamentalistas ou grupos religiosos, mas inclui grupos seculares, como o *Secular Pro-Life*²⁰, e indivíduos ateus (como o escritor Christopher Hitchens) que se declaram *pró-vida*²¹. E, curiosamente, o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, frequentemente classificada como fundamentalista, é a favor do aborto²².

Até aqui, este artigo avaliou algumas características que, apesar de serem úteis para retratar corretamente setores e momentos do fundamentalismo cristão, são insuficientes para descrever o movimento de maneira inequívoca. Então, a seguir, algumas características teológicas serão avaliadas e propostas como identificadores mais definidos.

4. A escatologia fundamentalista

O fundamentalismo original caracterizou-se pelo rápido desenvolvimento de uma escatologia premilenista dispensacionalista (Unger, 1981, p. 13). O premilenismo é a visão de que a segunda vinda de Cristo acontecerá antes do período literal de mil anos, predito no Apocalipse. E o dispensacionalismo é uma forma de *futurismo*, popularizado nos EUA pelo inglês John Nelson Darby (1800-1882). Essa teoria identifica na Bíblia sete *dispensações*, ou maneiras pelas quais Deus interage com o homem ao longo da história.

No início do fundamentalismo, nem todos os premilenistas eram dispensacionalistas. Mas, após 1900, o dispensacionalismo tornou-se predominante entre os fundamentalistas, até o dia de hoje (Unger, 1981, p. 41).

É preciso, no entanto, destacar algumas notáveis exceções históricas. Curtis Lee Laws, que cunhou em 1920 a expressão *fundamentalista* para designar aqueles que, como ele, estavam preparados para defender os

fundamentos da fé, rejeitou o rótulo *premilenista* por achar que tal designação não era suficientemente inclusiva. Thomas Todhunter Shields, outra figura importante, era amilenista e ferrenho opositor do dispensacionalismo. John Gresham Machen, o maior teólogo fundamentalista, escreveu contra o premilenismo (Unger, 1981, p. 43-44).

A análise da escatologia fundamentalista revela que há uma diversidade nesse assunto dentro do movimento, e não se pode rotular alguém de fundamentalista apenas por esse critério. Mesmo assim, o premilenismo dispensacionalista é uma característica importante do fundamentalismo, apesar de não ser exclusiva ou distintiva.

5. A inerrância bíblica e a inspiração verbal

Os fundamentalistas frequentemente são descritos como adeptos de um modelo de inspiração da Bíblia chamado de *teoria do ditado mecânico*²³. No entanto, há evidência suficiente para tornar essa descrição, no mínimo, discutível, como demonstrou Lane (1986, p. 77-94). A teoria do ditado é claramente negada em *The Fundamentals*. Escrevendo a respeito da inspiração verbal da Bíblia, Gray (2005, p. 161) esclarece que a variedade de estilos dos escritores bíblicos mostra que, “embora controlados pelo Espírito Santo, eles não eram meras máquinas nas quais Ele escreveu”. Munhall (2005, p. 173) afirma que a teoria mecânica da inspiração “não é ensinada em nenhum lugar das Escrituras”.

Com palavras duras, Packer (1977, p. 179) afirma que a teoria do ditado é repudiada por todos os líderes evangélicos conservadores, e que tal teoria “nunca existiu em tempo algum durante o século passado, exceto na imaginação de certas pessoas”.

Já em 1893, Warfield (*apud* Packer, 1977, p. 179) escreveu que deveria ser desnecessário “protestar novamente contra o hábito de representar os advogados da ‘inspiração verbal’ como ensinando que o modo de inspiração era por ditado”. Talvez não fosse o caso 1893, mas certamente já deveria ser desnecessário esclarecer tal confusão em 2015, especialmente no meio acadêmico²⁴.

Em suma, os fundamentalistas defendem um modelo de inspiração verbal (Packer, 1977, p. 78-79), mas não o do ditado mecânico (Anglada, 1998, p. 54-

56). Para eles, inspiração verbal é sinônimo de inspiração plenária, não negando a natureza divino-humana da Bíblia (Anglada, 1998, p. 57-59). Como afirma Davis (1977, p. 62), nenhum inerrantista hoje admitiria sustentar a teoria do ditado mecânico como modelo de inspiração da Bíblia. Estabelecer o modelo do ditado mecânico como uma das características do fundamentalismo é uma representação estereotipada e equivocada do movimento. Fundamentalistas acreditam na inspiração verbal, e, conseqüentemente, que a Bíblia não contém erros (inerrância bíblica).

A crença na inerrância bíblica é, para alguns autores, o critério objetivo mais importante, a grande norma hermenêutica, que distingue a atitude fundamentalista de outras atitudes mais abertas (Pace; Stefani, 2002, p. 28, 30).

Alguns autores afirmam que os reformadores já acreditavam na inerrância bíblica²⁵. Outros apontam para o período do Escolasticismo Protestante luterano e reformado como o início do inerrantismo (Heick, 1968, p. 7). O atual conceito de inerrância não é significativo na história da Igreja, pelo menos, até o século dezessete, quando o Escolasticismo declarou que “nenhum erro, mesmo em assuntos insignificantes, nenhuma falha de memória, para não dizer inverdade, pode ter lugar em toda a Escritura Sagrada” (Schmid, 1876, p. 49; Heick, 1968, p. 7).

Tal conceito foi exposto em 1675 na *Fórmula do Consenso Helvética*, que declarou que a inspiração bíblica era encontrada não apenas “em suas consoantes, mas em suas vogais, ou nos próprios pontos [sinais] vocálicos, [...] não apenas em seu assunto, mas em suas palavras”²⁶.

Mas a opinião geralmente aceita é a de que a inerrância bíblica tornou-se tema relevante com o advento do fundamentalismo. Historicamente, o cristianismo foi cauteloso em afirmar a inerrância, “usando em vez disto palavras como ‘autoridade’, ‘suficiência’ e ‘infallibilidade’, ao pronunciar seus credos. Igualar estes termos à ‘inerrância’ é [...] uma inferência dedutiva dos inerrantistas” (Rodor, 2005, p. 20).

É importante reconhecer que existem muitos eruditos evangélicos contemporâneos (e também de tradição reformada) que discordam do conceito de inerrância²⁷. No entanto, o atual senso comum poderia erroneamente classificar todos esses autores como *fundamentalistas*.

Rodor (2005, p. 22), autor adventista, que também poderia ser rotulado de *fundamentalista* pelo senso comum, rejeita a inerrância afirmando que “certamente, o abandono da inerrância não força alguém a abraçar o liberalismo e/ou a apostasia”. Como Johnston (1979, p. 22) sugere, é possível um conservador defender uma visão elevada da Escritura sem recorrer à inerrância.

É importante destacar também que o conceito de infalibilidade bíblica não é sinônimo de inerrância. Muitos cristãos acreditam que a Bíblia é infalível em sua mensagem essencial e seus propósitos, mesmo contendo discrepâncias em seu texto (Davis, 1977). É possível defender a inspiração verbal (não na forma de ditado mecânico) e a *infalibilidade* sem apelar para a *inerrância* (Berkhof, 2004, p. 38-42). A própria *Declaração de Chicago* confirma a distinção (artigo XI) entre infalibilidade e inerrância²⁸.

O fato é que os fundamentalistas fazem da inerrância o sinal da autenticidade evangélica²⁹. Harold Lindsell (1978, p. 210) não acredita que alguém possa reivindicar ser evangélico, uma vez que tenha abandonado a inerrância. A *Sociedade Teológica Evangélica* requer anualmente que seus associados subscrevam um documento reafirmando sua crença de que, em seus autógrafos, as Escrituras não possuem nenhum erro histórico, científico ou teológico³⁰, conforme exposto na *Declaração de Chicago de Inerrância Bíblica* (1978)³¹.

Se a inerrância é o critério mais importante, cristãos conservadores que não subscrevem a teoria da inerrância não poderiam ser considerados fundamentalistas. É muito fácil perceber que há entre os conservadores um debate em andamento a respeito da inerrância. Por tal critério, seria um erro classificá-los igualmente de *fundamentalistas* enquanto há entre eles discordância a respeito do ponto mais fundamental do fundamentalismo. Ignorando essas questões, a academia abandona o campo científico e apenas reflete o senso comum na análise do fenômeno.

Considerações finais

O uso exageradamente expandido do termo fundamentalismo, associado ao exagero de alguns fundamentalistas, tem deturpado as “conotações positivas que a ele podem ser legitimamente atribuídas” (Lima, 2011, p. 91)³².

Kirsopp Lake (*apud* Erickson, 2007, p. 69), um teólogo liberal, assim descreveu o fundamentalismo:

É um erro, geralmente cometido por pessoas educadas que têm pouco conhecimento de teologia histórica, supor que o fundamentalismo é uma forma de pensar nova e estranha. Ele não é nada disso, ele é a sobrevivência parcial e não educada de uma teologia que uma vez foi sustentada universalmente por todos os cristãos. O fundamentalismo pode estar errado; eu penso que ele está. Mas somos nós que temos nos desviado da tradição, não eles, e eu sinto pelo fato de que alguém argumente com os fundamentalistas na base da autoridade. A Bíblia e o *corpus theologicum* da igreja estão do lado fundamentalista.

Objetivamente analisado, o fundamentalismo histórico é um movimento representativo, que merece ser ouvido, a fim de ser cientificamente analisado. A má caracterização e a demonização irrefletida e generalizada de um movimento não deve passar pela academia.

De fato, é possível encontrar as características negativas (intolerância, separatismo, racismo, etc.) em atuais setores e representantes do neofundamentalismo protestante. Mas não se pode generalizar a partir de exemplos selecionados, ignorando toda a moldura histórica, teológica e filosófica que deu contornos ao fundamentalismo.

Terrin (1998, p. 46) afirma que ninguém pode olhar a realidade a partir de uma posição de neutralidade, pois todo olhar incorre em alguma forma de *deformação* da realidade. Mas é preciso buscar minimizar essas deformações, e não confirmá-las e fossilizá-las.

O fundamentalismo não precisa ser retratado de forma tão difusa, nebulosa. Ele é visível, não se esconde, e até faz questão de se identificar. Em 1919 foi criada a *World's Christian Fundamentals Association*, com a assumida intenção de cristianizar um mundo secularizado. Posteriormente, surgiram duas outras grandes organizações, a *Moral Majority* e a *Christian Coalition*, que nos anos 1980 mobilizaram milhões de ativistas. Essas organizações possuem estatutos e declarações de crença, com conteúdos passíveis de análises objetivas.

Não faz sentido utilizar a mesma palavra para se referir tanto a teólogos eruditos conservadores, comunidades evangélicas pacifistas e socialmente engajadas, bem como a atitudes religiosas fanáticas ou mesmo práticas violentas. É inimaginável colocar o mesmo rótulo em um erudito cristão como

John Gresham Machen e em um homem-bomba; em um pensador como Francis Schaeffer e algum agressor homofóbico. Essas pessoas não podem ser classificadas indistintamente de *fundamentalistas*.

Expandir demais o conceito, tornando-o uma mera metáfora para qualquer tipo de intolerância, ou até mesmo para qualquer tipo de convicção inabalável, representa a perda da objetividade em qualquer análise do fenômeno. Portanto, é preciso dar sentido claro às palavras, especialmente na academia, onde se espera que conceitos e definições sejam mais precisos, não estereotipados pelo senso comum.

O uso estereotipado do termo *fundamentalismo* reflete ausência de critérios de avaliação geral ou um critério muito aleatório. Análises objetivas do neofundamentalismo devem levar em conta as características do movimento fundamentalista fundante, pois ainda se fazem sentir em setores significativos do cenário protestante atual.

Este artigo sugere que as características do fundamentalismo histórico, especialmente sua teologia, sejam utilizadas como critérios objetivos para avaliações do neofundamentalismo cristão. O conteúdo das declarações fundamentalistas de 1878 e 1910 não pode ser ignorado. Mais estritamente, a inspiração verbal e a inerrância bíblica são temas básicos, e nenhum grupo cristão que rejeite essas crenças poderia ser chamado apressadamente de fundamentalista.

Referências

- AMMERMAN, Nancy T. North american protestant fundamentalism. In MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott (Ed.). *Fundamentalism observed*. The Fundamentalism Project. Vol. 1. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- ANGLADA, Paulo. *Sola Scriptura: a doutrina reformada das Escrituras*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1998.
- ASHBROOK, John E. *Axiomas da separação*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BERKHOF, Louis. *Princípios de interpretação bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CAMPOS, Breno Martins. Origem e descendência do fundamentalismo protestante: o darwinismo em The Fundamentals. *PLURA: Revista de Estudos de Religião*, v. 5, n. 1, 2014. p. 34-53. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/772/pdf_91>. Acesso em 12/05/15.

CARSON, Donald A. *A intolerância da tolerância*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CHAUÍ, Marilena. Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. In: BORON, Atilio (Comp.). *Filosofia Política Contemporânea: controvérsias sobre civilização, império e cidadania*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; São Paulo: Departamento de Ciência Política da FFLCH-USP, abr. 2006.

DAVIS, Stephen T. *The Debate about the Bible: inerrancy versus infallibility*. Philadelphia: The Westminster Press, 1977.

DREHER, Martin Norberto. *Para entender o fundamentalismo*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

DUBIEL, Helmut. O fundamentalismo da modernidade. In: BONI, Luiz A. de (Org.). *Fundamentalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

DUNN, James D. G. *The Authority of Scripture According to Scripture*. Disponível em: <http://biblicalstudies.org.uk/pdf/churchman/096-02_104.pdf>. Acesso em: 24/07/15.

ERICKSON, Millard. *Christian theology*. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FREUND, Julien. Uma outra maneira de abordar as Ciências Sociais. *Análise Social*, v. 23, n. 95, 1º sem. 1987, p. 7-13. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223486639W4fLZ2dg8Ur82SQ6.pdf>>. Acesso em: 11/09/15.

GELLNER, Ernest. *Pós-modernismo, razão e religião*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

GERICKE, Jaco W. Fundamentalism on stilts: A response to Alvin Plantinga's reformed epistemology. *Verbum et Ecclesia*, v. 30, n. 2, out. 2009. Disponível em: <<http://www.ve.org.za/index.php/VE/article/viewFile/90/275>>. Acesso em: 12/08/15.

GRAY, James M. A inspiração da Bíblia: definição, extensão e prova. In: TORREY, R. A. (Ed.). *Os Fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005.

HARRINGTON, Clayton. A Force Overlooked: Mainline Churches' Influence on American Civil Rights Movements since the Mid-Twentieth Century. *Explorations*, v. 9, 2014. Disponível em: <<http://uncw.edu/csurf/explorations/documents/volume%209%202014/harrington.pdf>>. Acesso em: 23/07/15.

HARRIS, Harriet A. *Fundamentalism and Evangelicals*. New York: Oxford University Press, 1998.

HEICK, Otto W. Biblical Inerrancy and the Hebrew Mode of Speech. *The Lutheran Quarterly*, v. 20, fevereiro de 1968. p. 7-19.

- JOHNSTON, R. K. *Evangelical at an Impasse*. Atlanta: John Knox Press, 1979.
- LANE, Anthony N. S. B. B. Warfield On the Humanity of Scripture. *Vox Evangelica*, v. 16, 1986, p. 77-94. Disponível em: <http://biblicalstudies.org.uk/pdf/vox/vol16/warfield_lane.pdf>. Acesso em: 12/03/15.
- LIMA, Jair Araújo de. Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as conceituações do fenômeno. *Cronos*, v. 12, n.1, jan./jun. 2011, p. 90-104.
- LINDSELL, Harold. *The Battle for the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1978.
- LIVINGSTONE, David B. B. Warfield, the Theory of Evolution and Early Fundamentalism. In: *Evangelical Quarterly*, v. 58, n. 1, 1986. Disponível em: <http://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/eq/1986-1_069.pdf>. Acesso em: 13/02/15.
- MELTON, J. Gordon; BAUMANN, Martin (Ed.). *Religions of the World: a comprehensive encyclopedia of beliefs and practices*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2010.
- MENDELSON, Everett. Religious Fundamentalism and the Sciences. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott (Ed.). *Fundamentalisms and society*. The Fundamentalism Project. Vol. 2. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- MONTGOMERY, John Warwick. Hermenêutica luterana e hermenêutica hoje. *Igreja Luterana: revista teológica da Igreja Luterana do Brasil, Porto Alegre*, ano XXVIII, n. 1-2, 1967, p. 74-120.
- MORRIS, Leon. *I Believe in Inspiration*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1976.
- MUNHALL, L. W. Inspiração. In: TORREY, R. A. (Ed.). *Os Fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- NIELSON, Stevan Lars; DOWD, E. Thomas (Ed.). *The Psychologies in Religion: working with the religious client*. New York: Springer Publishing Company, 2006.
- NUMBERS, Ronald. George Frederick Wright: From Christian Darwinist to Fundamentalist. *Isis*, The University of Chicago Press, v. 79, n. 4, dez. 1988, p. 624-645. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/234751>>. Acesso em: 12/08/15.
- OLSON, Roger E. *História da teologia cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- PACE, E.; STEFANI, P. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.
- PACKER, James I. *'Fundamentalism' and the Word of God: some evangelical principles*. Grand Rapids: Eerdmans, 1977.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Estado laico, fundamentalismo e a busca da verdade. In: BATISTA, Carla; MAIA, Sonia (Org.). *Estado laico e liberdades democráticas*. Recife: Articulação de Mulheres Brasileiras/Rede Nacional Feminista de Saúde/SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2006.
- PINNOCK, C. C. *The Inerrancy Debate among the Evangelical*. Theology News and Notes. Pasadena, CA: Fuller Theological Seminary, 1976.

PRESBYTERIAN CHURCH IN THE U.S.A. The Doctrinal Deliverance of 1910. *Minutes of the General Assembly*, 1910, p. 272-273. Disponível em: <<http://www.pcahistory.org/documents/deliverance.html>>. Acesso em: 22/08/15.

RAMM, Bernard. The Relation of Science, Factual Statements and the Doctrine of Biblical Inerrancy. *Journal of the American Scientific Affiliation*, v. 21-22, 1969-1970.

RODOR, Amin. A Bíblia e a inerrância. *Kerygma: Revista Eletrônica do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia*, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <www.unasp.edu.br/kerygma>. Acesso em: 12/01/15.

SANDEEN, Ernest R. *The Roots of fundamentalism: British and American Millenarianism, 1800-1930*. Grand Rapids: Baker, 1978.

SCHAEFFER, Francis. *The great evangelical disaster*. Westchester: Crossway, 1984.

SCHMID, Heinrich. *The Doctrinal Theology of Evangelical Lutheran Church*. Philadelphia: Lutheran Publication Society, 1876.

SCHWEITZER, Louis. O fundamentalismo protestante. In: ACAT. *Fundamentalismos integristas: uma ameaça aos direitos humanos*. São Paulo: Paulinas, 2001.

SILVA, Cássio M. D. da. Crítica bíblica: um remédio contra o fundamentalismo. In: MINCATO, Ramiro (Org.). *Bíblia: ciência, fundamentalismo e exorcismo*. Porto Alegre: EST, 2007.

STONEHOUSE, N. B. *J. Gresham Machen: a bibliographical memoir*. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.

TERRIN, Aldo Natale. *O sagrado 'Off Limits': a experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo: Loyola, 1998.

UNGER, Walter. *"Earnestly contending for the faith": the role of the Niagara Bible Conference in the emergence of American fundamentalism, 1875-1900*. Tese (Doutorado). Simon Fraser University, 1981. Disponível em: <summit.sfu.ca/system/files/iritems1/4002/b12743276.pdf>. Acesso em: 15/07/15.

VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

WRIGHT, George Frederick. O transcurso da evolução. In: TORREY, R. A. (Ed.). *Os fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar. *Estudos de Religião*, ano XXII, n. 35, jul/dez. 2008, p. 14-27.

ZUCK, Roy. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade na Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

¹ Por exemplo, Lima (2011, p. 90-104); Dreher (2002, p. 23); Pierucci (2006, p. 1).

² Citando o *Concise Oxford Dictionary*, Packer (1977, p. 29) define o fundamentalismo como “manutenção, em oposição ao modernismo, de crenças ortodoxas tradicionais como a inerrância da Escritura e aceitação literal dos credos como fundamentos do cristianismo protestante”.

³ Ashbrook diferencia o fundamentalismo do neo-evangelicalismo usando como critério a abertura ao diálogo com outras correntes teológicas. Para ele, o separatismo é o que distingue o fundamentalismo do neoevangelicalismo.

⁴ Por exemplo, Pace e Stefani (2002, p. 28, 30, 182).

⁵ Apesar do nome, as Conferências Bíblicas de Niágara foram realizadas anteriormente em outras cidades de 1876 a 1883. Antes de se fixar em Niagara-on-the-Lake, o evento anual era chamado de “Believers’ Meeting for Bible Study”.

⁶ Os quatorze pontos eram: 1) a inspiração verbal da Bíblia; 2) a Trindade; 3) A criação, queda e total depravação do homem; 4) a transmissão da corrupção de Adão à toda humanidade; 5) a necessidade do novo nascimento; 6) a redenção pelo sangue de Cristo; 7) salvação somente pela fé em Cristo; 8) a certeza da salvação; 9) a centralidade de Cristo na Bíblia; 10) a constituição da verdadeira igreja por genuínos crentes; 11) a divina personalidade do Espírito Santo; 12) o chamado para uma vida santa; 13) o estado consciente do homem após a morte e o destino eterno dos salvos e dos perdidos; 14) a segunda vinda de Cristo antes do milênio (premilenismo).

⁷ O documento da Assembleia Geral dos presbiterianos de 1910 está preservado no site na Presbyterian Church in the U.S.A. (1910, p. 272-273): <<http://www.pcahistory.org/documents/deliverance.html>>.

⁸ Por exemplo, a declaração da *World’s Christian Fundamentals Association*, fundada em 1919, tinha nove pontos fundamentais.

⁹ Ammerman diz que as principais características do fundamentalismo norte-americano são: 1) evangelismo, 2) inerrância, 3) premilenismo, 4) separatismo. Schweitzer destaca nove pontos: 1) a inspiração e a inerrância da Bíblia; 2) a Trindade; 3) o nascimento virginal e a divindade de Cristo; 4) a queda do homem e o pecado original; 5) a morte expiatória de Cristo para a salvação dos homens; 6) a ressurreição corporal e a ascensão; 7) o retorno pré-milenar de Cristo; 8) a salvação pela fé e o novo nascimento e 9) o juízo final (Ammerman, 1991, p. 4-8). Cf. Schweitzer (2001, p. 34).

¹⁰ Para uma avaliação crítica da natureza repressiva e contraditória que o conceito de tolerância pode assumir, ver Carson (2012).

¹¹ Por exemplo, Augustus Nicodemus, conhecido teólogo reformado brasileiro, que poderia ser considerado fundamentalista, critica tanto os neofundamentalistas quanto o uso expandido e subjetivo do termo, e identifica-se como *reformado confessional*. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/artigos/download/fundamentalismoefundamentalistas.doc>>. Acesso em: 30/08/07.

¹² Um exemplo dessa descrição estereotipada é: “A leitura fundamentalista parte do princípio de que a Bíblia, sendo a Palavra de Deus inspirada e isenta de erros, deve ser lida e interpretada literalmente em todos os seus detalhes.” (Pace; Stefani, 2002, p. 181).

¹³ Ver a *Declaração de Chicago Sobre a Inerrância da Bíblia*, 1982, Artigo 8 e Artigo 13 em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm>. Acesso em: 10/08/15.

¹⁴ Ver, por exemplo, Fee e Stuart (1997), Virkler (2001) e Zuck (1994).

¹⁵ William Lane Craig, por exemplo, é um filósofo cristão que poderia ser classificado como um fundamentalista na nomenclatura expandida e abrangente. Ele é conhecido por usar argumentos racionais e lógica implacável nos debates sobre filosofia, ciência e fé. Setores do fundamentalismo, como alguns proponentes do “criacionismo científico”, não negam a ciência, mas tentam expor as bases filosóficas que “contaminam” algumas avaliações científicas dos dados.

¹⁶ Mas nem sempre foi assim. Os primeiros fundamentalistas não fizeram uma defesa tão contundente da criação em seis dias literais ocorrida há seis mil anos, apesar de serem críticos do darwinismo (Numbers, 1988, p. 640).

¹⁷ Além de Wright, James Orr e Warfield também são identificados como fundamentalistas históricos que, apesar de críticos do darwinismo, mantinham uma postura mais aberta com relação às teorias e princípios evolutivos (Livingstone, 1986, p. 73-76).

¹⁸ “Apoia-se [o fundamentalismo] sobre uma leitura não-crítica de certos textos da Bíblia para confirmar ideias política e atitudes sociais marcadas por preconceitos, racistas por exemplo [...]”. (Pace; Stefani, 2002, p. 184).

¹⁹ Ver, por exemplo, Ammerman (1991, p. 3-4).

²⁰ Essa associação dos Estados Unidos reúne ateístas, agnósticos, humanistas e outros secularistas e laicistas na luta contra o aborto. Disponível em: <<http://www.secularprolife.org/>>. Acesso em: 25/07/15.

²¹ A esse respeito, ver matéria de novembro de 2008 da revista Newsweek, *Beliefwatch: Pro-life Atheists*, disponível em: <<http://www.newsweek.com/beliefwatch-pro-life-atheists-85273>>. Acesso em: 23/07/15.

²² Edir Macedo já declarou sua posição pró-aborto várias vezes publicamente. O seu *blog* pessoal arquivava vários textos sobre o tema: <<http://blogs.universal.org/bispomacedo/?s=aborto>>. Acesso em: 13/08/15.

²³ Um exemplo desse estereótipo é: “[o fundamentalismo] tende a tratar o texto bíblico como se tivesse sido ditado palavra por palavra pelo Espírito [...]”. (Pace; Stefani, 2002, p. 183).

²⁴ Ver levantamento bibliográfico, que evidencia que os fundamentalistas, em termos gerais, jamais defenderam a teoria do ditado mecânico, em Packer (1977, p. 178-181).

²⁵ “Para Lutero a Escritura canônica era, de capa a capa, a Palavra inerrante de Deus [...]” (Montgomery, 1967, p. 108).

²⁶ *The Formula Consensus Helvetica* (1675), Canon II. Disponível em: <http://www.onthewing.org/user/Creed_Helvetic.pdf>. Acesso em: 23/05/15.

²⁷ Amin Rodor (2005, p. 28, nota 32) lista, como exemplos, Herman Ridderbos, Robert H. Mounce, Robert K. Johnston e Dewey M. Beegle. Stephen T. Davis (1977, p. 61) diz que “a Bíblia não ensina a inerrância, nem a inerrância parece estar pressuposta”. Leon Morris (1976, p. 137) afirma que “a Bíblia não parece jamais reivindicar inerrância para si mesma, pelo menos em termos estabelecidos”. Clark Pinnock (1971, p. 66-67 apud Dunn, p. 121, nota 43) aponta que a inerrância poderia ser “um item central para o guia telefônico mas não para Salmos, Provérbios, literatura apocalíptica e parábola”. E Pinnock (1976, p. 13) acrescenta que “os evangélicos não rejeitaram um papado para aceitar outro [a inerrância]”. Bernard Ramm (1969-1970, p. 103) sugere que “menos do que 1% do corpo de crentes evangélicos renunciaria sua fé”, se algum erro fosse mostrado na Bíblia.

²⁸ No entanto, na Declaração, os conceitos estão ligados, e a infalibilidade é dependente da inerrância.

²⁹ Havia alguns fundamentalistas originais com uma posição mais moderada a respeito da inerrância. Curtis Lee Laws, que cunhou o termo *fundamentalista* em 1920, não defendia a inerrância absoluta (Unger, 1981, p. 43).

³⁰ Disponível em: <http://www.etsjets.org/about/membership_requirements> Acesso em: 16/09/15.

³¹ A Declaração pode ser encontrada em: <http://www.etsjets.org/files/documents/Chicago_Statement.pdf>. Acesso em: 22/01/15.

³² Muitos autores destacam essas conotações positivas. Para Bauman (1998, p. 230), por exemplo, o fundamentalismo “tem uma singular capacidade de revelar os males da sociedade”. Como afirma Gellner (1994, p. 13), “o fundamentalismo é útil para a sociedade no sentido de que esse movimento torna-se um aliado no reconhecimento do caráter absoluto da verdade, evitando a auto-ilusão fácil personificada pelo relativismo universal, nossos antepassados intelectuais. Sem ceder à tentação da veneração excessiva da ancestralidade, é importante referir que lhes devemos o nosso respeito”.

Recebido em 23/10/2015, revisado em 29/12/2015, aceito para publicação em 05/01/2016.